

A caminhada. Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Ei, passa a carteira!
- Não entendi.
- Mande passar a carteira.
- E se eu não quiser passar?
- Olha como fala comigo, cara!
- Não estou te entendendo.
- Preciso gritar?
- Eu não tenho carteira.
- Anda logo que estou com pressa!
- Sinto muito cara, não tenho carteira.
- Ô meu, sei onde cê mora, hein?
- Lamento não poder te ajudar, mas estou sem carteira.
- Não me enrola não, ô camarada!
- Saí agora para uma caminhada. Só estou esperando um colega e...
- Anda logo, solta a carteira aí. Você é daquela casa ali, a verde, com dois andares. Eu te conheço!
- Tá enganado! Não moro ali não.
- Manda logo essa carteira aí, véi! Ou vou pegar esse tênis de bacana!
- Já falei que não tenho carteira, só vou fazer uma caminhada. Problema de pressão alta. A CNH está na meia, cara! Revista aí!
- Ei! Tá me estranhando é?
- Eu, hein? Qual o problema? Se você é ladrão, então vamo acabar com isso logo! O tênis não tem jeito também não. Furado no dedão!
- É só passar a carteira, meu!
- Eu não tenho carteira! Vai querer que eu desço as calças?
- Que isso, cara!
- Então se manda, rapaz, que eu tenho mais o que fazer.
- Cê tá jurado, hein, cara!
- De quê? De morte? Eu não te fiz nada e nunca te vi na vida!
- Cê é o cara da casa verde que tá mentindo p'ra mim.
- Se manda, rapaz! Deixa eu fazer minha caminhada. Já vi que meu colega não vai hoje. Tenho um dia cheio pela frente. Uma reunião pesada de trabalho.
- Tá aí! Empresário riquinho! Já vi que não consigo nada com cê, hein?
- Até mais!
- Ei! Espere aí! Posso ir junto?
- Qual é, meu irmão?
- Qual é o quê?
- Você me aborda exigindo a carteira, ou seja, um furto! Agora quer fazer uma caminhada comigo?
- É que...
- O quê é que tem?
- Na verdade, eu não sou daqui, não.
- Tava na cara! Eu conheço cada canto desta rua e nunca te vi na vida!
- Sabe o que é?
- Já aviso, hein? Todas as casas da rua têm circuito interno de TV, se fizer algo comigo, tá lascado!
- Não cara! Já vi que não tem carteira mesmo.
- Já falei que não tenho. Quando saio de casa para fazer caminhada nem chave eu trago.
- Cê é esperto!
- Ninguém me faz de palhaço não, meu irmão! Nem você! Anda, fala logo e fala o que quer.
- Sabe como é...
- Acho que já falou isso!
- Então deixa eu continuar. Eu vim do Goiás, à procura de emprego. Mas eu não tenho estudo. A coisa foi ficando difícil. E sabe como é...
- Continua! Chega de enrolação!
- Não! Não! É que... a vida tá difícil, eu não arrumo emprego e...

— Para de enrolar, cara!

— Tá! Conhece aquela frase: “a ocasião faz o ladrão?”

— Ôpa! Tá errado! A ocasião faz o roubo! O ladrão já nasce pronto! Uma vez eu vi essa frase naquele programa dos Trapalhões!

— Caramba! Eu nunca havia pensado nisso. E nunca roubei nada não, sabe?

— Há 10 minutos, estava tentando me assaltar e agora fala que nunca roubou.

— Como eu falei... eu vim de carona numa carreta de soja que ia para o Paraná. Eu estava a fim de mudar de vida. Minha família é pobre. Eu queria ser treinador de futebol, porque como jogador não deu certo. Eu nunca consegui estudar. O empresário que chegou na fazenda, onde eu trabalhava tirando leite de vaca, passou o bico na rapaziada toda! Deu o cano em 30 colegas meus, dizendo que a gente ia ganhar muito dinheiro como jogador de futebol em São Paulo.

— Se eu escutei direito, você quer me fazer acreditar que caiu no papo falso de empresário de futebol? Conversa p’ra boi dormir, cara! Eu não caio nessa não.

— Como cê chama? Meu nome é Rivaí.

— O meu é Rômulo. Riva o quê?

— Rivaí! Não é conversa, não. Pode procurar na internet, é Rivaí dos Santos. Não sei onde mãe arrumou um nome feio desse...

— Cada um tem o nome que merece. Cara, se você estiver mentindo!... Quantos anos cê tem?

— Tenho 32. Não é mentira, não. Eu só queria tomar uma cerveja, acredita? Mas você me fez tanta raiva que até a vontade da “cerva” passou. Deu foi fome. Há 3 dias que eu não almoço. Ontem tomei um pingado com meio pão de sal que uma senhora me deu num bar...

— Mas por que veio parar em Minas?

— Acho que foi Deus que mandou.

— Ah... nem começa! Mora onde?

— Num albergue no centro da cidade. Falando sério! Bem-vindo ao mundo do povo que não tem estudo, que não tem oportunidade na vida, que vai passar nesse Brasil como analfabeto. Mal aprendi a escrever meu nome.

— Ah... vamos? A culpa da sua falta de estudo é só do governo? Do mundo que não te dá oportunidades?

— É que... você sabe, a vida é difícil.

— Por isso, você queria me assaltar, dizendo que a ocasião faz o ladrão?

— Falta de oportunidade dá nisso!

— Você precisa de um empurrão de cima do morro ou de um prédio, sei lá! Ou você morre, ou bate as asas e voa...

— Cê tá me ameaçando?

— Não, cara! É só maneira de falar. Uma vez, uma professora contou isso na escola. Ela disse que um aluno dela teve um sonho: um anjo empurrou um menino do morro. Quando ele achou que fosse morrer, misteriosamente criou asas e voou pelo céu como se jamais tivesse usado as próprias pernas.

— Troço estranho. Eu não acredito em sonho não!

— Também não! Mas a professora falou com ele que era o empurrão da vida dele! Que ele precisava dar um jeito de se virar e parar de reclamar da vida. Deveria procurar algo de útil para fazer em vez de lamentar que tudo está ruim. O cara tinha 18 anos!

— Que vergonha eu sinto agora.

— A vida é essa, Rivaí, não corra atrás não, que nada cai do céu.

— Caramba!

— Eu também vim de família pobre. Não tinha dinheiro para estudar; perdi meus pais quando eu tinha 10 anos. Tráfico de drogas. Eles perderam a guarda minha e dos meus cinco irmãos. Fomos parar em uma casa de acolhida. E nós... ficamos revoltados? Do que adiantaria? Nada! Fomos adotados por uma família que não era bem de vida não, mas deu casa, comida, carinho, educação.

— Cara, que lição cê me deu.

— Que é isso, véi! Não quero dar lição de moral em ninguém. Só achei que poderia te ajudar, quando percebi que você não tinha arma nenhuma no corpo. Vai estudar, meu! Vai fazer EJA (Ensino para Jovens e Adultos). Há muita escola estadual por aí com o EJA. Eu não tenho dinheiro agora para te pagar um café, mas assim que eu chegar em casa tomamos um café dos bom que minha esposa faz. E você vai tratar de estudar e arrumar um emprego para se manter. Você consegue! Eu tenho a mesma idade que você, sabia? Nunca é tarde para recomeçar a viver, Rivaí, só isso.
